

PEDRO A ÚLTIMA
J. NUNES NOITE



**PEDRO A ÚLTIMA
J. NUNES NOITE**

PEDRO A ÚLTIMA J. NUNES NOITE

Vitória, Espírito Santo
Formar & Cultural-ES
2015

© Pedro J. Nunes
1ª edição: 2015
Impressão: 500 exemplares

Revisão, projeto gráfico, editoração eletrônica, impressão e acabamento

Gráfica e Editora Formar

Concepção da capa

Pedro J. Nunes e Caco Appel

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Pública do Espírito Santo

N972u Nunes, Pedro J.
A última noite/Pedro J. Nunes. - Vitória : Formar & Cultural, 2015.
148 p.; 15x21 cm

ISBN: 978-85-99380-29-1

1. Conto brasileiro. I. Título.

CDD:B869.301

Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte desta obra, por qualquer meio, sem autorização do autor ou da editora constitui violação da LDA 9610/98.



CULTURAL-ES & EDIÇÕES TERTÚLIA
www.tertuliacapixaba.com.br

Prólogo: o bairro Assunção	7
Eventos de gente trágica: romance breve	13
Nicodemos, o matador	39
Violeta	57
Teorema	71
A última noite	91
A abantesma do bairro Assunção	105
Mariposa noturna em veranico de maio	121

Prólogo: o bairro Assunção

Um prólogo não serve para quase nada. Se não melhora a obra, pode até vir a prejudicá-la. Por essas e outras razões hesitei acerca da necessidade desta nota inicial. Depois de haver decidido fazê-la, acumulei uns fatos literários e outros tantos de natureza idêntica, a maioria deles abandonados no meio do caminho por se tratar de matéria imprestável. Ainda considereei, em dado momento, a advertência de Borges: “As colocações de um autor no Prólogo de sua obra em geral não contribuem significativamente para uma análise crítica.” A ideia persistiu, no entanto, fazendo-me ajuntar elementos que pudessem compor este texto introdutório. Não podendo me conter, ficou clara a impossibilidade de prosseguir sem ressaltar que esta meia dúzia de contos inéditos e um já publicado em antologia que deu com os burros n’água não se destinam senão ao entretenimento de alguns leitores aventureiros e de boa vontade.

Creio que o fato mais importante que restou de minhas considerações — e de minhas hesitações — foi o de esclarecer que os contos aqui reunidos se ambientam no bairro Assunção, localizado nos limites do noroeste da ilha de Vitória, no Espírito Santo. Que importância haveria nisso que justificasse um prólogo?

O natural da terra tem má memória e má vontade com suas coisas. Nada do estado capixaba parece atrair o nativo, de natural dado a elevar qualquer coisa que aconteça fora da fronteira do Espírito Santo. É culpa de sua baixa estima, sentimento herdado certamente da subserviência imposta pelas pequenas mas poderosas

oligarquias que dominaram nossa terra tão agrária e tão brejeira.

Não se recordaria de outra forma, senão por este prólogo, que sob as colunas das casas que ocupam hoje a região mais ao norte do nosso bairro, numa ponta de praia onde havia uma grande pedra que emergia do fundo das águas, meninos e meninas descobriram o magma e o fogaçu de seus primeiros amores, relando-se uns com os outros feito bichos sem lei na servidão dos instintos mais primitivos, dando aí origem a grande parte dos naturais de Assunção que hoje, por sua vez, já se multiplicam em duas, três, quatro vezes em sucessivas gerações. Com o perdão da má palavra, vários moradores residem hoje sobre restolhos de sua própria origem ocultados por camadas de aterro e pedra e tempo sem disso dar a menor conta.

Sabe-se que o batismo do lugar provém do advento da Assunção de Nossa Senhora, comemorado em 15 de agosto. Nesse dia, os populares fazem grande festa religiosa e mundana, tendo a data por certa como a da fundação do bairro.

O correto é crer que haverá uma história de Assunção, pois que um bairro, por mais pobre e desmemoriado, não nascerá de um dia para o outro. Outra coisa não poderíamos dizer desse lugar, ainda mais que surgiu do alargamento de um istmo esticado sobre o rio inicialmente chamado de rio da Passagem, rio hoje conhecido como o canal da ilha de Vitória, vizinho ali da ponte que liga a ilha ao continente.

Mas o que efetivamente se sabe daí?

Muito se imagina, e pouco se sabe. Com muita sorte, encontrou-se referência à região numa carta jesuítica de um tal padre Ambrósio Dantas. Esse padre, em viagem cristã, de passagem por ali teria se ferido nas lâminas de conchas submersas. Correndo seu índio atrás de auxí-

lio, este encontrou num casebre muito pobre uma índia batizada Isaura e casada por Leonardo Nunes, na fé da terra, com um português. Embora a carta cite o nome de Isaura, que com muito zelo e piedade cuidou da ferida desse padre, do nome do português seu marido nada se diz. Nessa missiva sobeja, sim, maledicência e suspeita de que o galego também acolhia em sua tapera e sua palha uma irmã da esposa, falta de fala, uma índia a cujo nome não se faz referência, e com as duas vivia casado com uma e concubinado com outra sem contudo gerar prole, cuidando, debaixo do sol e da chuva, de uma pequena horta de subsistência e uma plantação de cana, a que o padre Ambrósio faz uma exaltada referência, mais falando da cana que dos que a plantavam.

Em nenhum outro documento mais se encontrou referência a essa gente. Desde não tão recentemente, um cidadão que aí veio residir, apesar de o mais das vezes ser ridicularizado pelos hábitos da reclusão voluntária que impõem a leitura e a garatuja, andou ajeitando uns eventos bem imaginativos para compor a memória de Assunção que, assim como ocorre o mais das vezes, oficializaram a trajetória do lugar no tempo. Esse esforçado pesquisador também se refere a esse português e dele diz haver sido um eremita dedicado a serviços de sentinela nesse trecho dos domínios de Dom Vasco, tanto assim é que há um lugar em Assunção marcado como Ponta do Eremita.

Efetivamente, o que se sabe, e nisso acerta o nosso memorialista, é que um único senhor de casa grande e escravos dominava o lugar nos meados do século XIX. Graças a trágicos eventos familiares ocorridos à família desse poderoso homem, dos quais nos dá notícia o conto *A abantesma do bairro Assunção*, toda essa propriedade caiu em domínio público, sendo afinal ocupada pelo estado, que dela se assenhoreou até a grande ocupação aí

ocorrida nos anos 1970, transformando o bairro no que é ao tempo dos eventos que compõem estes contos.

Para dizer meia palavra sobre a forma como se nararam estes contos, esclareça-se que ficou ao encargo dos protagonistas contar suas próprias histórias bem como a de seus iguais. É sabido que a proximidade gera o mexerico, o que acaba sendo em Assunção uma vantagem para os inúmeros narradores destas histórias, livres para a fidelidade e para a conjectura. Creio que meu papel pode ficar reduzido ao de mero organizador desses discursos.

Todas essas histórias breves têm relação com o bairro. Um(a)s aconteceram aí (*Nicodemos, o matador* e *A abantesma do bairro Assunção*), outras aí nasceram (*Teorema*), e há aquelas que aí se consumaram (*A última noite* e *Violeta*). Se estes contos são atravessados pelo tema do amor entre os assuncenses, aquele pretensiosamente batizado *Eventos de gente trágica: romance breve* é o mais completo painel traçado sobre como se ama em Assunção.

O conto *Mariposa noturna em veranico de maio* foi escrito na década de 1990 e publicado na antologia *Mulheres: diversa caligrafia* e, assim como a antologia, ficou pouco conhecido. Já que possui certa semelhança com os demais contos, quando nada por haver sido ambientado em alguns lugares imaginários em Vitória, inclui-se aqui rogando em seu favor uma segunda chance.

Eventos de gente trágica: romance breve

1

Muitas histórias correm pelo bairro Assunção, onde moro há mais de quinze anos, vindo para cá curar uns desgostos e adquirir outros. Trouxe comigo uma pobreza recentemente adquirida, algumas caixas de livros velhos e o cartão de empréstimo da biblioteca pública. Vivo do magro rendimento da aposentadoria cavada de umas atividades vagas e trago um corpo cheio de achaques, o ócio assegura tempo para a leitura e a observação da vida dessa gente. Não me falta muita coisa, porque muita coisa já não quero. Alguns concidadãos me acham louco, outros, e estes certamente também me acham louco da mesma forma, me chamam eufemisticamente O Melhor Amigo do Francês, porque me tornei amigo de Josephin, um francês que por vias improváveis veio se fixar na terra, aqui rebatizado Sivuplé, com quem, segundo eles, eu formo uma parêlha perfeita. Não sou precisamente um ser bem humorado, mas creio haver conseguido superar razoavelmente minhas idiossincrasias na convivência com meus vizinhos. Se não lhes dirijo a palavra um dia ou outro, porão minha antipatia na conta de meu humor instável, nunca me negando a cortesia e os bons modos. Não sabem, porém — nem nunca saberão — que nesses dias, amargando os dias da penúria, relembro com angústia os dias da abundância.

2

Quanto ao bairro Assunção, dele se diz que surgiu próximo à maré e avançou água adentro. É um pequeno território

rio dentro do último bloco de ocupação na ilha de Vitória ocorrida nos anos 1970. Os primeiros moradores viviam praticamente dentro da água. Um aterro feito há mais de vinte anos melhorou um pouco a existência dessa boa gente.

Não encontrei comprovação, mas corre entre os interessados pelo passado a lenda de que bem no centro de Assunção, ao ponto onde todas as ruas convergem, no tempo da donataria morava um eremita protegido de Coutinho, o donatário, sujeito que dali lhe prestava serviços de guarda em troca de salário de ócio e sossego. Esse eremita morreu farto de dias e, segundo as notícias orais chegadas ao nosso tempo, foi sepultado por duas ou três viúvas índias. A história, pouco provável, fará parte de nosso imaginário e se nunca foi esquecida devê-lo-á certamente ao nome dado a uma faixa de terra aqui existente antes do aterro conhecida como Ponta do Eremita.

3

Do povo de Assunção, deles se diz serem festivos e cortesões, afeitos à ordem e à convivência. Pescadores, a maioria, operários da construção civil, domésticos, prestadores de serviços gerais, uns poucos funcionários públicos sem graduação e comerciários, os assuncenses exercem toda forma de atividade espalhados pela cidade. Uns poucos conseguiram fincar na terra seus estabelecimentos rústicos, servindo comida de frutos do mar e do mangue bastante apreciada pela gente de Vitória e arredores. Subsiste em Assunção um razoável sossego, já que o acesso ao bairro é estreito e difícil de encontrar, o que motiva, é de se crer, pelo convívio intenso entre nós, o nosso gosto ao diz-que-diz.

Em nosso bairro, como em lugar algum, conhecemos as histórias de todos. Somos uma sociedade relativamente promíscua no que concerne à especulação da vida alheia. Ninguém escapa. Se os recém chegados não nos oferecem

elementos suficientes para formarmos um contorno de sua história, nós a forjamos e passamos a acreditar em cada vírgula de nosso enredo. As histórias correm mudas e implacáveis, compondo-se de caquinhos recolhidos em nosso dia a dia.

Eis aí algumas delas.

4

Ele se chamava Josephin Auguste Morin, mas, cá entre nós, pouca gente ou quase ninguém sabia.

— Já ninguém se lembra desse nome nem de mim desde quando, aos 22 anos, abandonei a França, fugindo de uma desilusão amorosa — disse-me ele. — Embarquei em Dunquerque, a cidade onde nasci e de onde havia me afastado muito raramente. Foi uma decisão repentina, resolvida depois de algumas doses de conhaque com que pretendia amadurecer a ideia de me matar. Nicolau, um marinheiro brasileiro bastante solidário, convenceu-me a trocar a morte pelo mar, e já que o mar é mesmo uma espécie de morte aceitei resignado esse novo destino. Quando dei por mim, não havia retorno. E por não haver, decidi nunca mais voltar para minha terra natal ou meu país.

Depois de vários portos e alguma adversidade, a vocação marítima de Josephin, não sem uma enorme sensação de desamparo e de perplexidade, chegou ao fim quando o navio em que havia embarcado atracou no Porto de Vitória. Com ele desertaram um saco com algumas mudas de roupas, presentes de seu recente amigo brasileiro, e uma caixa contendo uma parte das pouco mais de duas dezenas de livros que, ao morrer, levaria com ele para o túmulo — pretendia, tão romântico quanto se pode ser aos 22 anos, atirar-se do campanário da igreja de Santo Elói com sua pequena livraria. Trouxe também a terra, para o resto da vida, a impressão indelével daquele amor mal correspondido, do qual nunca se refez.

5

Maria Madalena entrou na história de Josephin com o vento forte do sul.

O pobre francês havia errado pela cidade nos últimos dois dias antes de dar conta de sua situação penosa. Os recursos de que dispunha dariam para comer algo na manhã seguinte e depois não haveria mais nada. Então, além do medo e do desamparo que se sente em terra estranha, tinha de se preparar para a fome. Foi quando surgiu, repentinamente, o frio trazido pelo vento forte, o quarto elemento de sua pequena tragédia.

As rajadas se sucediam, secas e geladas, assobiando nas frinchas. As grandes árvores da praça dobravam, folhas e pedaços indistintos de coisas corriam pelo chão carregados pelo vento forte, uma placa de metal arrancada de uma casa de comércio bateu com força e grande estrondo na parede de um dos edifícios em torno da praça. Tendo decidido procurar um abrigo mais seguro, Josephin não pôde evitar a visão da pequenina mulher fragilizada, tolhida pela ventania, tentando cobrir com as mãos a cabeça, soltando indistintos guinchos de pavor.

6

A frágil criatura acolheu com alívio a aproximação de Josephin. Eram dois seres da mesma espécie e logo se reconheceram. Esticando o dedo indicador sem tirar as mãos da cabeça, choramingou, desamparada como um filhote de gato:

— O vento. O vento.

O terror venceu a barreira linguística. Algum tempo depois ele saberia o que ela havia pronunciado com tanto horror, mas por enquanto os recursos disponíveis à comunicação eram outros. E o vento inclemente decidiria por eles, ainda mais que acabavam de chegar uns riscos gelados de chuva fina.

Depois de haver passado com ela a noite numa pensão suja ali perto, para a qual ela o arrastou na tentativa desesperada de fugir da ventania e da chuva a qualquer preço, Josephin acordou na manhã seguinte ao lado de um corpo esguio recendendo a almíscar e fumo e suor. Seu desconcerto arrastava uma saia para o encantamento. Lá fora ventava e chovia.

7

Veem aquele sujeito de aspecto doentio que toda tarde vem colocar os olhos no Mestre Álvaro? Ele fala com poucos aqui no bairro. Chegou recentemente, mas logo nossa gente espichou os ouvidos para a sua história, descobrindo que sua origem era a região de São José do Queimado. Isso talvez explicasse que ele toda tarde se fixasse na grande serra do Mestre Álvaro. Mas não era saudade que sentia, era talvez o bafejo cruel de coisas passadas. Ele mesmo nos contou, a alguns de nós de quem se tornou mais íntimo, sem que lhe pedíssemos. O ritual consistia em refazer a promessa de nunca mais entregar o coração a quem quer que fosse, que nisso residia, segundo ele, toda a origem de seus infortúnios e toda a dor que haveria de carregar para o resto da existência.

8

Minha mãe veio morar comigo em Assunção poucas semanas depois que saí da prisão. Antes morava sozinha, quase desamparada, mãe de filho detento, num bairro longe daqui. Apareceu aí, na porta de casa, inesperada. No fim do dia, como se alongasse, perguntei se era visita. Encrespou, me chamou de ingrato, disposta a criar escarcêu, mas a contive. Há quase trinta anos não a via, desde que recusei recebê-la nos dias de visita na Casa de Detenção. Não que-